



GEOGRAPHIC PERSPECTIVES ON URBAN SYSTEMS: UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA URBANA

Roberto Lobato Corrêa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resenha

Palavras-chave: Brian Berry, Frank Horton, Geografia Urbana.

Review

Key words: Brian Berry, Frank Horton, Urban Geography.

O livro *Geographic Perspectives on Urban Systems*, organizada por Brian Berry e Frank Horton (1970), completa em 2020 50 anos de existência. Este livro dá continuidade ao esforço de reunir importantes textos no campo da geografia urbana estadunidense, esforço iniciado em 1959 com a coletânea *Readings in Urban Geography* organizada por Harold M. Mayer e Clyde F. Kohn. Este esforço irá prosseguir com a coletânea *Urban Geography in America – 1950-2000*, organizada por Brian Berry e James Wheeler. Assim, em realidade, desde a década de 1930, com textos de Charles Cobby, Malcolm Proudfoot, Chaucy Harris e Edward Ullman, e outros textos, os temas relativos à geografia urbana tornaram-se acessíveis ao leitor interessado nesta área do conhecimento. A meio caminho situa-se *Geographic Perspectives*, que reúne sobretudo textos escritos no período dominado pela perspectiva teórico-quantitativa da geografia estadunidense. Trata-se, em realidade, de um importante capítulo na história da geografia urbana. Estas notas são um tributo àqueles que participaram desse período da história da geografia urbana.

Brian Berry nasceu na Inglaterra em 1934. Em 1955 ingressa na Universidade de Washington em Seattle, onde concluirá o seu doutoramento. Participa diretamente das mudanças na geografia que deram lugar à versão denominada de geografia teórico-quantitativa. Influenciada por William Garrison, Edward Ullman e Fred K. Schafer, enquadrava-se no *genius temporis* que produziu mudanças na geografia estadunidense marcada até então pela influência de Carl Sauer e Richard Hartshorn. A década de 1950 constituiu-se, entre outros aspectos, pela retomada da expansão capitalista, que implicou em mudanças de paradigma: a geografia devia ser mais prática e inscrever-se nas mudanças, especialmente no que diz respeito à organização do espaço. Princípios e modelos, assim como a interpretação nos estudos pela via da quantificação, foram adotados. O espaço ganha maior centralidade na geografia, colocando a paisagem e a região em plano secundário. Brian Berry e outros jovens doutorandos produziram um manifesto no qual as princi-

pais ideias que nortearam a revolução teórica e quantitativa ganhariam força. Berry e seus colegas passaram a ser conhecidos como os “cadetes do espaço”. O livro em questão é um produto desta tendência na qual o urbano foi muito privilegiado e foi preparado quando Berry era professor na Universidade de Chicago, cujo prestígio a ele muito devia.

Frank Horton nasceu em 1939 nos Estados Unidos e obteve seu doutorado na Universidade Northwestern em 1968. Torna-se professor de geografia na Universidade de Iowa, ocasião em que o livro foi preparado. Ressalte-se que as Universidades Northwestern e Iowa foram também importantes centros de difusão da geografia teórica e quantitativa.

O livro está organizado em 13 capítulos, contendo longas citações de diversos autores. Segue a relação dos capítulos e um breve comentário sobre eles.

- 1 – O Desenvolvimento da Geografia Urbana: Bases Metodológicas da Disciplina
- 2 – Urbanização e Meio Ambiente
- 3 – Distribuição do Tamanho das Cidades
- 4 – Teorias e Técnicas para o Estudo do Crescimento Urbano e Regional
- 5 – Tipos de Cidades e o Estudo das Funções Urbanas
- 6 – Dimensões Básicas dos Sistemas Urbanos
- 7 – Hierarquia Urbana e Esferas de Influência
- 8 – Problemas de Definição da Metrópole
- 9 – O Espaço Urbano: Padrões e Dinâmicas da Densidade de População
- 10 – Conceito de Espaço Social: em Direção a uma Geografia Social
- 11 – Mudanças Comportamentais: Mobilidade Individual e Ondas de Sucessão
- 12 – Estrutura Interna: o Espaço Físico
- 13 – Movimento

Os 13 capítulos podem ser agrupados em quatro conjuntos. O capítulo 1 é um deles, abordando a história da geografia urbana, enquanto o capítulo 2, outro conjunto, estabelece relações entre o urbano e o meio ambiente. Os capítulos 3 a 7 referem-se à rede urbana, enquanto os capítulos subsequentes, ao espaço intraurbano. Assim, a maior parte do livro é dedicada à visão corrente do urbano em duas escalas, a da rede urbana e a do espaço intraurbano. Em termos gerais, seu temário contempla não apenas os temas dominantes nos anos 60 na geografia urbana estadunidense, mas também temas em vigor anteriormente e que foram revalorizados durante o período de vigência da geografia teórica e quantitativa. O temário denota, assim, continuidade e renovação. Poder-se-ia criticar a ausência de outros temas, mas esta ausência é devida à sua pequena importância naquele momento. Assim, temas como movimentos sociais urbanos e o papel dos agentes modeladores da cidade estão ausentes, mas esses temas só emergiram durante os anos 1970. O temário, no entanto, vale pelo que é apresentado e pela qualidade da apresentação, constituindo-se em um excelente repositório da geografia urbana estadunidense do momento. A qualidade do temário e dos textos em si permite que se apreenda o urbano em muitas de suas facetas, possibilitando a elaboração de críticas a partir de outras visões. Ao mesmo tempo,

aponta para as graves lacunas que a perspectiva crítica criou ou manteve ao colocar o espaço e suas formas de lado ou ao conferir-lhes um papel secundário.

As contribuições à geografia urbana são notáveis, particularmente pelo caráter de sistematização de cada um dos temas abordados. Ressalte-se, primeiramente, a história da geografia urbana. Nos diversos temas abordados, a contribuição do próprio Brian Berry é digna de nota, seja considerando-se o capítulo sobre tamanho de cidades, seja o que trata das dimensões básicas dos sistemas urbanos, seja ainda no que diz respeito à hierarquia urbana e áreas de influência das cidades. Em realidade, as contribuições de Brian Berry à teoria dos lugares centrais foram cruciais para a análise da rede urbana, como se verifica em seu livro *Geography of Market Centers and Retail Distribution*, de 1967. As contribuições às temáticas sobre o espaço intraurbano são também significativas, iniciando-se pelo problema da definição da metrópole. As contribuições estendem-se ao serem consideradas as formas espaciais criadas e os diversos tipos de movimento no espaço intraurbano. Também nesta parte a contribuição de Brian Berry é muito significativa. Vale destacar que muitos dos temas abordados no livro foram objeto de investigação tanto entre os geógrafos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cujos trabalhos estão sobretudo publicados na Revista Brasileira de Geografia, assim como nas dissertações e teses elaboradas no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O livro de Berry e Horton é ricamente ilustrado com representações gráficas da espacialidade urbana. As representações gráficas são um poderoso meio de se expressar a espacialidade, tendo um enorme poder de comunicação, em muitos casos mais objetivo e simples do que palavras ou textos. Representações gráficas constituem uma longa tradição da análise geográfica e no livro em questão são muito valorizadas, o que levanta o debate em torno da tese de que a geografia dos anos 1960 teria abandonado as representações gráficas, substituindo-as por fórmulas matemáticas e estatísticas. Nessa tese há o equívoco causado pelo desconhecimento da literatura geográfica produzida nos anos 1960. A este respeito, uma discussão sobre o papel das representações gráficas na geografia seria útil. É evidente que as representações gráficas privilegiam as formas espaciais, isto é, os resultados de processos que ocorrem no espaço, suscitando reflexões sobre as complexas relações entre processo (tempo) e forma (espaço). A geografia urbana produzida a partir do início dos anos 1970 colocou de lado essas representações gráficas, procurando enfatizar processos sociais, vendo o espaço como um espaço absoluto, que contém as formas produzidas, e abolindo a dialética da análise do urbano, a despeito de uma alegada visão dialética. Não se trata aqui de negar a dialética, mas, ao contrário, enfatizar a sua importância, resgatando as formas espaciais como integrantes da visão dialética e não-dialética do mundo.

Todo trabalho intelectual é uma construção que observa, analisa e interpreta o mundo, no caso em questão, a espacialidade urbana. Por meio dos temas considerados e segundo o modo como são abordados, o pesquisador revela uma dada visão de mundo, seletiva por definição, sem a pretensão de abarcar o mundo real em sua plenitude, sem querer esgotar o mundo real. Nega, assim, a perspectiva calcada no empiricismo ontológico, apoiando-se, ao contrário, em um construcionismo epistemológico, mais seletivo, organizado e menos pretencioso, pois sabe dos limites desta perspectiva. Com os limites estabelecidos, constrói-se uma leitura sobre a espacialidade urbana, a qual, no entanto, é sujeita à polivocalidade, a várias interpretações. O livro de Berry e Horton possibilita leituras diferentes sobre a espacialidade urbana. Não contempla uma visão crítica, calcada no materialismo histórico e na dialética, mas não exclui a possibilidade de uma leitura

crítica por parte daqueles geógrafos e não geógrafos capazes de assim o fazerem, a partir do desligamento de uma visão crítica deturpada. Afinal, os temas da perspectiva crítica têm uma dimensão espacial, uma espacialidade (e temporalidade). Com isso, privilegia-se o espaço e o geógrafo torna-se mais geógrafo, independentemente da perspectiva por ele adotada.

Décadas de 1970 e posteriores

A geografia urbana, recentemente, assim como outros subcampos da geografia, é alterada em razão de novos aportes teóricos e metodológicos. Henri Lefévre e Manuel Castells, ambos não geógrafos, e David Harvey introduziram uma perspectiva crítica à geografia urbana. Métodos e temas são alterados. A geografia humanista, criada por Yi Fu Tuan, e a geografia cultural de Denis Cosgrove e James Duncan ampliaram as possibilidades de análise geográfica do urbano em sentido conceitual, metodológico e temático. As diferenças entre esses novos aportes, contudo, não deixam de convergir para a geografia urbana. Afinal, a unidade é constituída pelas diferenças. E são estas que contribuem para as mudanças no presente e as que virão.

Submetido em dezembro de 2019.

Aceito para publicação em 01 de abril de 2020.

Referências

BERRY, Brian J. L.; HORTON, Frank E. (orgs.). **Geographic Perspectives on Urban Systems**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Inc., 1970. 564 p.